



Data: 08/05/18

Prof.: Rafael

Assunto: **TEORIA DE CONHECIMENTO**

A teoria do conhecimento se interessa pela investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. Entre as questões principais que ela tenta responder estão as seguintes. O que é o conhecimento? Como nós o alcançamos? Podemos conseguir meios para defendê-lo contra o desafio cético? Essas questões são, implicitamente, tão velhas quanto a Filosofia. Mas, primordialmente na era moderna, a partir do século XVII em diante - como resultado do trabalho de Descartes (1596-1650) e Locke (1632-1704) em associação com a emergência da ciência moderna – é que ela tem ocupado um plano central na filosofia. Basicamente é conceituada como o estudo de assuntos que outras ciências não conseguem responder e se divide em quatro partes, sendo que três delas possuem correntes que tentam explica-las: I - O conhecimento como problema, II - Origem do Conhecimento e III - Essência do Conhecimento e IV - Possibilidade do Conhecimento.

SOFISTAS, termo que originalmente significaria “sábios”, mas que adquiriu o sentido de desonestidade intelectual, principalmente por conta das definições de Aristóteles e Platão. Aristóteles, por exemplo, definiu a sofística como “a sabedoria (*sapientia*) aparente mas não real”. Para ele, os sofistas ensinavam a argumentação a respeito de qualquer tema, mesmo que os argumentos não fossem válidos, ou seja, não estavam interessados pela procura da verdade e sim pelo refinamento da arte de vencer discussões, pois para eles a verdade é relativa de acordo com o lugar e o tempo em que o homem está inserido.

Quando questionados sobre o conhecimento da verdade, os sofistas defendiam a teoria do relativismo: “O homem é a medida para todas as coisas.” Para os sofistas, tudo o que se refere à vida prática, como a religião e a política, era considerado fatores culturais, logo podiam ser modificados. Dessa forma, colocavam as normas e hábitos em dúvida quanto à sua pertinência e legitimidade. Como eles eram relativistas, suas questões podiam ser levadas para o seguinte sentido: as leis estabelecidas são pertinentes para essa cidade ou precisam ser mudadas?

SÓCRATES:

Sócrates é identificado pelos discursos de Platão como um homem de uma mente concisa e rigorosa, que tinha o objetivo de fazer seus compatriotas e concidadãos chegarem ao pensamento racional, com o intuito de se alcançar a verdade interior de cada um (“Conhece-te a ti mesmo.”). Para tal, ele desenvolveu um método que acabou por identificar o que era a maiêutica, que significa “parto de ideias”.

A maiêutica socrática consistia em realizar perguntas às pessoas com que ele se deparava a dialogar, perguntas essas que, tinham dois estágios. No primeiro deles, Sócrates fazia perguntas simples sobre assuntos que o indivíduo julgava conhecer bem. No segundo, essas perguntas continuavam sendo feitas, de maneira simples e contextualizadas, mas dessa vez, levando o indivíduo a questionar sua própria certeza, gerando, assim, uma nova visão sobre um mesmo tema. Daí veio o nome parto, pois consistia em literalmente dar à luz a novas ideias sobre assuntos até então esclarecidos.

PLATÃO E A REMINISCÊNCIA:

Ao pensar a teoria da reminiscência, também chamada anamnese, Platão propõe como papel fundamental ao filósofo, fazendo uso da maiêutica socrática, a responsabilidade de fazer a alma recordar os conhecimentos que ela já contemplara anterior à encarnação no corpo. Desse modo, a reminiscência assenta-se numa concepção de inatismo do conhecimento que, pré-existente ao encarceramento da alma num corpo biológico, possibilitaria aos indivíduos, quando bem conduzidos, recordar, trazer à mente as ideias, conceitos, definições.

Platão defende que o autêntico conhecimento não é adquirido por meio da experiência sensível atual ou de processos de ensino e aprendizagem como defendem diversas teorias pedagógicas pretéritas e atuais. Para o filósofo grego, o conhecimento é um processo de rememoração, recordação, lembrança das ideias que já foram contempladas pela alma anterior ao seu encarceramento no corpo biológico por meio da encarnação.

No limite, a teoria da reminiscência recusa a possibilidade de uma construção inovadora do conhecimento por meio da mediação pedagógica. O que ocorre é uma lembrança, recordação, rememoração e jamais uma construção inovadora. Daí, o papel do filósofo e de qualquer indivíduo que se proponha a conduzir alguém ao esclarecimento deve ser não o de ensinar, transmitir conhecimentos, mas antes conduzir, de forma dialética o indivíduo ao questionamento de sua alma de modo a recuperar o conhecimento que está dentro de si e por si.

TEORIA DA ILUMINAÇÃO DIVINA:

A posição agostiniana está caracterizada na frase: “Entendas e creias. Creias e entendas (Serm. 43,7)”. Segundo ele, primeiro a inteligência prepara para a fé, depois a fé dirige e ilumina a inteligência. Finalmente a fé, iluminada pela inteligência, conduz ao amor. Desta forma vai do entendimento para a fé e da fé para o entendimento e de ambos para o amor.

Para Agostinho, a razão é auxílio poderoso para encontrar, nas criaturas, semelhanças que esclareçam e façam inteligível o conteúdo da fé. Mas a razão tem um limite, não servindo para explicar todos os mistérios. Agostinho não se contenta com a fé, mas quer chegar à inteligência da mesma. Por outro lado, segundo ele, a fé ajuda a entender. Reconhecendo os limites da razão humana, manifesta na diversidade de opiniões dos filósofos, conclui a necessidade da revelação e da fé. Parte da fé para chegar à inteligência.

É possível ao ser humano alcançar um conhecimento espiritual partindo da percepção sensível e por meio de sua própria atividade interior. Trata-se aqui dos conceitos universais. Contudo, os princípios supremos de um tal conhecimento geral, obtido pela percepção sensível, somente podem ser compreendidos por meio da iluminação divina. A alma do homem se encontra na linha do horizonte de dois mundos; no limite do mundo sensível e espiritual. Ainda que a imediata relação da alma com Deus tenha sido rompida pelo pecado original, ela não foi, no entanto, totalmente anulada. Pelo pecado, a alma caiu da altura de sua luminosidade e de sua pureza originária. Mas, ainda assim, ela manteve o horizonte divino : entre o mundo espiritual e o sensível. Contudo, devido à sua situação após a queda, a alma somente pode ascender ao mundo espiritual com o auxílio da ação ou graça divina. Ainda que Deus permaneça na alma humana, mesmo após ela haver cometido o pecado original.

CONHECIMENTO NA MODERNIDADE:

Racionalismo: O racionalismo é uma teoria filosófica que dá a prioridade à razão, como faculdade de conhecimento relativamente aos sentidos.

O racionalismo pode ser dividido em diferentes vertentes: a vertente metafísica, que encontra um caráter racional na realidade e indica que o mundo está ordenado de forma lógica e sujeito a leis; a vertente epistemológica ou gnosiológica, que contempla a razão como fonte de todo o conhecimento verdadeiro, sendo independente da experiência; e a vertente ética, que acentua a relevância da racionalidade, respectivamente, à ação moral.

Os princípios da razão que tornam possível o conhecimento e o juízo moral são inatos e convergem na capacidade do conhecimento humano ("lumen naturale").

A defesa da razão e a preponderância desta corrente filosófica se transformou na ideologia do iluminismo francês e, no contexto religioso, criou uma atitude crítica em relação à revelação, que culminou na defesa de uma religião natural.

Empirismo: A doutrina do empirismo foi definida explicitamente pela primeira vez pelo filósofo inglês John Locke no século XVII. Locke argumentou que a mente seria, originalmente, um "quadro em branco" (tábua rasa), sobre o qual é gravado o conhecimento, cuja base é a sensação. Ou seja, todas as pessoas, ao nascer, o fazem sem saber de absolutamente nada, sem impressão nenhuma, sem conhecimento algum.

Todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido pela experiência, pela tentativa e erro. Historicamente, o empirismo se opõe a escola conhecida como racionalismo, segundo a qual o homem nasceria com certas ideias inatas, as quais iriam "aflorando" à consciência e constituiriam as verdades acerca do Universo. A partir dessas ideias, o homem poderia entender os fenômenos particulares apresentados pelos sentidos. O conhecimento da verdade, portanto, não dependeria dos sentidos físicos.

Iluminismo: Os iluministas exaltavam o poder da razão em detrimento ao da fé e da religião. Com isso, acreditavam que poderiam reestruturar a sociedade, ainda presa ao conhecimento herdado da tradição medieval.

Através da união de escolas de pensamento filosóficas, sociais e políticas, os iluministas buscaram estender a crítica racional em todos os campos do saber humano.

Assim, enfatizavam a defesa do conhecimento racional para desconstruir preconceitos e ideologias religiosas. Por sua vez, essas seriam superadas pelas ideias de progresso e perfectibilidade humana. Em suas críticas, os pensadores iluministas argumentavam contra as determinações mercantilistas e religiosas. Também foram avessos ao absolutismo e aos privilégios dados à nobreza e ao clero. Isso abalava os alicerces da estrutura política e social absolutista.

Crítico: O crítico é a teoria ou doutrina que desenvolve uma investigação acerca das possibilidades do conhecimento, tendo em conta as suas fontes e as suas limitações. Este sistema da filosofia foi proposto por Immanuel Kant. É importante mencionar que, embora o crítico esteja associado a Kant, existem outras classes de crítico. O chamado crítico kantiano surgiu a partir de uma crítica ao empirismo e ao racionalismo, considerando que estas doutrinas não têm em conta o papel ativo do indivíduo no processo cognitivo. Kant procurou estabelecer um nexos entre as leis universais e a certeza de que o conhecimento se gera a partir das experiências sensoriais. Se o conhecimento deriva dos sentidos, os acontecimentos são individuais e não seria possível conhecer princípios gerais.